

APRESENTAÇÃO

Se tivesse que escolher um termo para descrever os textos que compõem este número dos *Cadernos PAGU* a palavra seria sedução. Registros de experiências, relatos autobiográficos, textos literários, constituem narrativas carregadas de significado cuja leitura é prazerosa. Entretanto, a sedução à qual me refiro vai muito além da atração exercida pela estetização que o ato da escritura pode dar a (outros) cotidianos, distantes no tempo, no espaço, no tipo de experiência narrada. Ela está associada ao desafio intelectual, nem sempre confortável, oferecido pelo conjunto do material aqui apresentado para pensar em configurações de gênero.

Nestes artigos, perspectivas construcionistas e desconstrutivistas, modos de abordagem aos quais nos habituamos a recorrer quando discutimos gênero são olhadas criticamente a partir de concepções de outras “sociedades”. Noções de universalidade, igualdade, e diferenças são analisadas partindo de diversos recortes empíricos. Diários escritos por mulheres em momentos, lugares e classes diferenciados permitem colocar uma diversidade de questões relacionadas com a conformação da subjetividade e os efeitos (paradoxais) da escrita nesse processo, com descontinuidades que, atravessadas pelo gênero, interrompem permanências associadas ao caráter da “escrita feminina”.

Os textos mostram “masculinidades” e “feminilidades” descoladas de “homens” e “mulheres”, bem como falam de “feminilizações” de “masculinidades”. Neles, memórias “oficiais” de famílias são exploradas procurando, nas entrelinhas, linhagens femininas omitidas e, num percurso quase contrário, nas práticas da memória feminina, a preservação de tradições familiares. Trajetórias e lembranças de mulheres são esquadrihadas buscando elementos para refletir sobre as

possibilidades que o gênero oferece para complexificar análises da ação política, para pensar como ele se relaciona com a memória.

Sabemos que o gênero não é “fixo”, mas que pode fixar, temporariamente, “identidades”. Sabemos que o gênero marca as memórias e nelas se expressa; que atravessa as narrativas... Entretanto, compreender **como o faz** só é possível explorando recortes empíricos contextualizados. O material aqui apresentado, os artigos, resenhas e documentos -- regulamentações que regiram o cotidiano de mulheres “enclausuradas”, no Brasil dos séculos XVIII e XIX -- convidam-nos a realizar esse exercício de reflexão.

Quando, quatro anos atrás, apresentei o primeiro número dos *Cadernos*, o PAGU começava a formar-se como um Centro dentro do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Durante esses anos, o Centro tornou-se um Núcleo de Pesquisa, os *Cadernos* cresceram, apresentando diversas perspectivas sobre gênero, acolhendo um número crescente de colaboradores/as e estimulando cada vez mais leitores/as. Do mesmo modo que então, os *Cadernos* são hoje produto de um trabalho coletivo e esse é, provavelmente, nosso maior orgulho.

Agradeço, em nome do PAGU, a colaboração especial do professor Robert B. Slenes neste número. Além de oferecer, assim como os outros membros do Comitê Editorial dos *Cadernos*, valiosas sugestões, revisou pacientemente cada *abstract*. Quero também destacar o apoio do CNPq/FINEP e, como sempre, o oferecido pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP.

Adriana Piscitelli